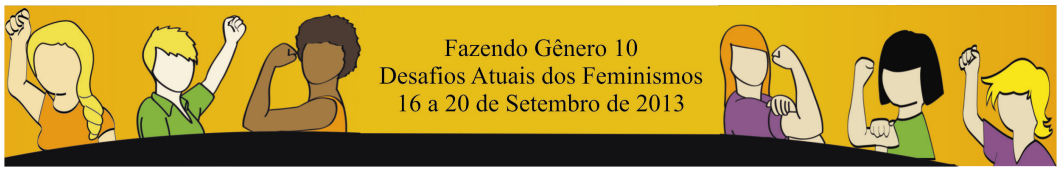

"MULHERES GUERREIRAS": GÊNERO E IDEAL DE FEMINILIDADE NA BIOGRAFIA DA CUBANA CÉLIA SANCHEZ[1]

Andréa Mazurok Schactae[2]

Resumo: Voltando o olhar para a construção dos símbolos nacionais, observa-se que embora os heróis, símbolos vinculados a masculinidade, tendem ser representações de um ideal de guerreiro, enquanto os símbolos femininos são representações da maternidade e da santidade. Os homens são os guerreiros e as mulheres às mães dos guerreiros. Analisar o ideal de feminilidade apresentado na composição da heroína revolucionária, Célia Sánchez Manduley, em Cuba, é importante para refletir sobre as alterações na construção das identidades nacionais. Ela nasceu em 09 de maio de 1920 e faleceu em 11 de janeiro de 1980, sendo que, desde a década de 1950 até a sua morte ele ocupou espaços de poder no Estado Cubano. Após a sua morte se iniciou o processo de construção da imagem da heroína e a biografia é mais uma ferramenta de construção e legitimação da guerrilheira Célia como heroína nacional. Essa comunicação objetiva apresentar a construção da heroína na Revista Mujeres, no ano de 1980.
Palavras-chave: Heroína. Identidade nacional. Biografia.

Para analisar as diferentes construções do feminino em espaços historicamente identificados como pertencentes e identificadores do masculino, no final do século XX, é importante olhar para a construção dos modelos de heróis e heroínas. Objetivando iniciar uma reflexão sobre a construção da heroína em Cuba, no final do século XX, inicialmente volto o olhar para a construção de um modelo de herói e outro de heroína na América. Para fechar a reflexão, é analisada uma das primeiras biografias da heroína guerrilheira, Célia Sanchez. O texto foi publicado na *Revista Mujeres*, logo após sua morte, no ano de 1980.

É oportuno destacar que o ingresso de mulheres como agentes permanentes de instituições armadas é algo recente. No entanto, ao longo dos séculos, da Grécia antiga aos países europeus e americanos do século XX, elas participaram do espaço da guerra, embora mais dificilmente pudessem ter lugar nos combates. (CARIE, 2002; TAVERA, 2003) Mulheres como as míticas amazonas, Joana d'Arc, Maria Quitéria[3], Adela Azcuy[4], entre tantas outras, são exceções e

[1] Esse texto são reflexões iniciais dentro do projeto de pesquisa: "Mulheres guerreiras": gênero e ideal de feminilidade em Cuba, o qual está em andamento. Os documentos utilizados para construção desse texto foram consultados no ano de 2010, dentro do Projeto MES/Cuba, do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR (Brasil) e do Observatório de Gênero da Universidade de Holguín (Cuba), com apoio financeiro da CAPES.

[2] Doutora em História (UFPR); professor colaborador da UEPG (Ponta Grossa, PR, Brasil); professora da FAFIT (Itararé, SP, Brasil); pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR (Curitiba, PR, Brasil). E-mail: aschactae@hotmail.com

[3] Heroina da Indepência no Brasil e por seus atos de bravura em combate, foi condecorada, no ano de 1823, com a Ordem Imperial do Cruzeiro.

[4] Luto na guerra de independência de Cuba, no final do século XIX, e se tornou capitã do Exército Libertador.

muitas delas são identificadas como pessoas *predestinadas* a lutar em defesa da nação e, para cumprirem sua missão *vestem-se como homem*, pois, historicamente, o guerreiro é identificado como homem e seus símbolos identificadores são a arma e a vestimenta.

Conforme destaca Michelle Perrot, "o militar, o religioso, o político, como as três ordens na Idade Média, constituem três santuários que fogem às mulheres. Núcleos de poder, são os centros de decisão, real ou ilusória, ao mesmo tempo que símbolos da diferença dos sexos." (PERROT, 1998, p. 117) No entanto, destaca a historiadora, que a constituição do militar como profissional favorece o ingresso de mulheres nesse espaço viril, porém, a porcentagem de mulheres permanece pequena. (PERROT, 1998, p. 134)

Heróis e heroínas

Os heróis nacionais e das instituições militares são modelos de masculinidade hegemônica. Os valores e as características que identificam os heróis e as instituições militares são constituídos por construções simbólicas, que são adaptadas as necessidades apresentadas pelo presente e tendem a reproduzir um ideal de masculinidade. Enquanto para as heroínas nacionais é construído um modelo de feminilidade que está vinculado à maternidade e a santidade, portanto a esfera privada, o modelo masculino está ligado à esfera pública e as armas – instituições armadas e conflitos armados. Para Robert Connel, o Estado e as instituições armadas possuem um aparato simbólico identificador de um ideal de masculinidade. Uma construção ideal, segundo o autor, que é explicada pelo conceito de "masculinidade hegemônica". Um modelo que não é fixo e imutável, mas está vinculado a posições de poder e tende a ser reproduzido. (CONNELL, 1997; 2005)

Para Luis Bonino há no ocidente um modelo de masculinidade hegemônica que se impõe sobre as outras masculinidades. Essa identificação de masculinidade é marcada um uma continuidade. Para ele as crises são apenas ajustes da masculinidade hegemônica e não indicam rupturas, pois ela se mantém como dominante e independente, subordinando outras masculinidades e as feminilidades. Segundo o autor as características que representam a definição de masculinidade hegemônica são a independência (individualidade, autonomia, egocentrismo, poder, etc.), o domínio (combate, luta, heroísmo), a hierarquia (liderança, obediência, disciplina, lealdade, sacrifício, etc.) e a heterossexualidade. Esses valores, que significam o que é ser homem, segundo ele, estão presentes no imaginário social. (BONINO, 2002)

A heroína Joana D´Arc, segundo Walnice Nogueira Galvão, além de possuir qualidades masculinas – a coragem, a bravura e o combate em defesa da Pátria – é destaca por suas qualidades femininas – a pureza e virgindade –, que são as virtudes identificadoras de uma "donzela-guerreira". Uma heroína, segundo a autora, que cortou os cabelos e se vestiu de soldado, e por sua transgressão foi queimada como bruxa. Depois de anos foi constituída em heroína e tornada santa pela mesma instituição que a matou.(GALVÃO, 1998, p.13) Para complementar a idéia da autora, de transgressora ela foi constituída em santa, assim a sua condição de predestinada se afirma como identificadora da heroína e não as suas virtudes de guerreira.

No Brasil, as heroínas também são construídas como modelo de feminilidade, conforme apresenta o livro "Heroínas Bahianas", vinculado à "Coleção Participação da Mulher na Independência", cuja narrativa da vida das heroínas representa um ideal de heroísmo feminino. A obra narra a vida de três mulheres, a primeira é Joana Angélica, uma religiosa, que é identificada como "a primeira heroína da Independência do Brasil", por sua vida santa, dedicada à Igreja e sua morte brutal, foi assassinada por soldados na "guerra da independência do Brasil". Maria Quitéria de Jesus Medeiros é a segunda "heroína da guerra da Independência na Bahia". Ela cortou os cabelos e se disfarçou de homem, segundo o autor da obra, "violentando o destino pacífico de seu sexo, [alistou-se] num batalhão". (SOUZA, 1972, p. 121) Com o uso da arma ela lutou com a bravura, a valentia e o heroísmo de um soldado, na defesa da Pátria. A última é "a heroína da caridade", Anna Justina Ferreira Nery, enfermeira voluntária da Guerra do Paraguai, é a última a ser citada. Na narrativa da trajetória dessas mulheres, identificadas como heroínas, apenas uma pega em armas e é acusada pelo autor de violentar a sua natureza de mulher, que está na santidade e no cuidar do outro. As outras representam o modelo de feminilidade ideal.

O ideal de feminilidade maternal também está presente nas biografias de mulheres que participaram das lutas de independência da América Latina. Conforme estudo apresentado por Maria Ligia Coelho Prado, as biografias produzidas no século XIX e inicio do século XX indicam a presença de muitas mulheres nas lutas pela independência, muitas das quais ingressam nos exércitos como soldados. Nas narrativas biografias, escritas geralmente por homens, afirma a historiadora, "as mulheres eram modestas, altruístas, generosas e abnegadas. (...) Suas ações respondiam apenas aos apelos do coração. (....) Naturalmente são apresentadas como modelos de mãe e esposa." (PRADO, 1999, p. 46-47) Mulheres rebeldes e que romperam com a ordem, segundo a autora, foram transformadas em "modelos de esposa e mãe, glorificadas por todas as virtudes cristãs intimamente trançadas com as virtudes patrióticas." (PRADO, 1999, p.51) Os biógrafos, continua a

autora, as retiram do espaço público e as devolvem para o espaço privado, enquanto a historiografia contemporânea sobre as independências tendem a silencia-se sobre a ação das mulheres nos processos.

O aparente silêncio da historiografia sobre a participação das mulheres nas lutas armadas na América Latina, do século XIX e do XX, bem como a permanência do modelo ideal de mulher, quando se escrevem biografias de mulheres que atuaram nesse espaço historicamente masculino, que é a luta armada, indicam uma reprodução de uma ordem simbólica tradicional. Embora a participação de mulheres na política e nas instituições armadas seja crescente, os ideais de herói e heroína aparentemente permanecem intocados.

Mesmo na memória sobre a atuação das mulheres cubanas nas guerras, do século XIX, durante as lutas pela independência de Cuba do domínio espanhol, o ideal feminino destacado é o papel da mãe mambisa. Neste papel se sobressai a figura de Mariana Grajales, a mãe do Coronel Maceo, que foi constituído em um dos heróis da independência cubana. Entre as várias mulheres que combateram na guerra estão a capitã Adela Azucuy, a capitã María Hidalgo Santana e a capitã Paulina Ruiz de González, conforme destaca de Armando Caballero. (CABALLERO, 1982) No entanto o nome das combatentes – mulheres guerreiras – figuram em segundo plano na memória nacional, pois a figura central é o ideal de mãe abnegada que orienta e constrói nos seus filhos o amor pela nação e o desejo de morre por amor a liberdade de Cuba.

Embora as imagens das mulheres publicadas nas *Revistas Bohemia* e *Revista Mujeres*[5], indiquem a construção de um ideal de mulher cubana, o qual agrega a figura da guerrilheira e da mãe, observa-se que essa construção tende a destacar o papel da maternidade na construção da figural ideal da heroína nacional. Um papel que é legitimado pela heroína Mariana Grajales, a mãe dos grandes guerreiros nação. Porém, a participação das mulheres na luta armada na década de 1950, permite as heroínas da *Sierra Maestra* possuírem as características historicamente identificadora de um ideal normatizador do feminino e do ideal de mãe – a delicadeza, o carinho, o cuidado – ,bem como, a capacidade de combaterem como soldados. Portando, possuidoras de características historicamente vinculadas a masculinidade e aquelas que qualificam a feminilidade.

O ideal de guerrilheira é afirmado pelas narrativas sobre o Pelotão Mariana Grajales, criado por Fidel Castro no ano de 1958, ele é lembrado por suas atuações em combate, indicando que embora portadoras de características identificadoras de um padrão de feminilidade, as mulheres cubanas lutaram como soldados. Como afirmou Fidel Castro, ao se referir ao Pelotão Mariana

[5] As revistas *Mujeres* e *Bohemia*, são publicadas em Cuba e foram consultados os números publicados nas décadas de 1970 e 1980, os quais são parte dos acervos de Bibliotecas da cidade de Honguín, e da cidade de Havana.

Grajales: "como los hombres, luchan las mujeres". (BELL, 2007, p. 273) Palavras presentes no seu discurso durante o ato de criação da Federação de Mulheres Cubanas, no ano de 1960. O posicionamento de Fidel Castro confirma que o espaço de combate pertence aos homens e nele não há um padrão de comportamento pertencente às mulheres, cabe a elas igualarem-se aos homens para serem reconhecidas.

A construção dessa identificação das mulheres cubanas como guerrilheira e mãe, a qual rompe com o ideal de feminilidade vinculada a maternidade, é destacada nas heroínas da Revolução Cubana. Todavia, a heroína nacional e que deu nome ao pelotão feminino da Serra Maestra é uma construção simbólica que reafirma a maternidade e detrimento da guerreira. Portanto, embora a figura da guerreira, ou seja, a soldado combatente, esteja presente na construção das narrativas da história nacional Cuba, ela permanece uma contradição dentre de um espaço identificador e construtor de ideais de masculinidade, o combate e o uso de armas.

Vestimentas e objetos qualificados como pertencentes ao masculino são apropriados por mulheres ao longo dos séculos, conforme destaca a historiadora Diane Hunghes, na Inglaterra do século XIV, mulheres eram condenadas por circularem com símbolos da masculinidade, isto é, andarem a cavalo e portarem adagas, durante a realização dos torneios. (HUNGHES, 1995, p. 187) Portanto, as mulheres se apropriam de elementos historicamente qualificados como pertencentes aos homens, são exceções e tendem a serem vistas como transgressoras, pois se constituem em contradições dentro de uma ordem que separa masculino e feminino.

O logotipo da Federação de Mulheres Cubanas (FMC) é uma transgressão a uma ordem milenar que nega a maternidade à guerreira, pois unifica figuras femininas – guerreira e mãe – que são separadas desde a Grécia Antiga, onde o modelo de guerreiro pertencia aos homens. (IMAGEM 1) As poucas mulheres que se tornaram guerreiras são identificadas pela renuncia ao casamento e à condição de esposa para ocupar um espaço masculino. A deusa Atena, filha de Zeus, renunciou à maternidade e ao casamento, mantendo-se virgem, para tornar-se uma guerreira, e guarda a democracia ao acesso dos homens. Na lenda grega das Amazonas, uma sociedade de guerreiras cujos filhos tinham apenas mães, as mulheres se constituíram em guerreiras pela renúncia ao casamento e à feminilidade. (IRIARTE, 2003) Porém, uma unificação que constituiu uma contradição – mãe guerreira ou guerreira mãe – e indica a construção de um ideal de feminilidade marcado pelas especificidades de Cuba.

Embora exista essa aparente tensão e contradição entre as duas identificações (guerreira e mãe), na construção das heroínas cubanas, o fato das mulheres participarem da Revolução fez

com que elas fossem incluídas memória nacional. A vinculação das mulheres com a luta armada torna Cuba diferente de outros países da América Latina, ao se considerar os símbolos femininos das identidades nacionais latino-americanas, conforme destaca Maria Ligia Coelho Prado, em seu estudo sobre os símbolos nacionais na América Latina. Para a historiadora, na América Latina os símbolos nacionais femininos, foram constituídos principalmente pelas Nossas Senhoras. (PRADO, 1999, p.50)

Portanto, as heroínas e os símbolos nacionais femininos, se constituem em reprodutores de um ideal de feminilidade, que contribui para legitimar a masculinidade hegemônica das construções simbólicas masculinas. Ao se construir as heroínas como modelos de mãe, esposa e santas, e os heróis como militares e guerreiros, se estabelece uma diferença na qual as virtudes construídas como identificadoras da masculinidade hegemônica são percebidas como superiores às identificadoras da feminilidade e as outras masculinidades.

IMAGEM - 1: Logotipo da FMC Fonte: FEDERACION DE MUJERES CUBANAS. La Mujer: uma revolución dentro de la Revolución Editorial Orbe, La Habana, Cuba, 1982.

A permanência do modelo ideal de mulher, quando se escrevem biografias de mulheres que atuaram nesse espaço historicamente masculino, que é a luta armada, indicam uma reprodução de uma ordem simbólica tradicional. Embora a participação de mulheres na política e nas instituições armadas seja crescente, os ideais de herói e heroína aparentemente permanecem intocados.

A posse da arma e o domínio do conhecimento para utilizá-la, tornam as mulheres combatentes exceções, pois ao serem assim identificadas diminuem a contradição que a participação delas provoca no espaço da guerra e no poder de possuir as armas. São as relações de poder no espaço da guerra que estabelecem os nomes de homens e mulheres que são lembrados e os

que caem no esquecimento. Dessa forma a grande maioria dos combatentes, homens e mulheres, continua anônima e sem história, pois a guerra é um espaço de poder e símbolo, sendo que ocupar terminado nível na hierarquia militar é significativo para definir os lembrados e os esquecidos. A contradição que se constitui a presença de mulheres no espaço da guerra permite significar o esquecimento da participação do sexo feminino em combates, pois é um indicativo da necessidade de confirmar o poder masculino nesse espaço simbólico.

Mulheres e armas: a heroína Célia Sánchez

O ingresso de mulheres nos quadros permanentes de instituições armadas cubanas, como combatentes, ocorreu no final da década de 1950, ao se considerar o Pelotão Mariana Grajares. No entanto, desde o início dos conflitos, no ano de 1953, durante o assalto ao Quartel Moncada, em Santiago de Cuba, as mulheres atuaram nos espaços de conflito armado.[6] Antes da criação do Pelotão Feminino na Serra Maestra, inúmeras mulheres realizaram atividades de mensageiras, enfermeiras, secretárias, transportando armas, munições, comidas e homens da cidade para a Serra Maestra. Portanto, considerando que muitas das mulheres que atuaram durante a guerra (1956-1959) foram incorporadas as instituições militares cubanas na década de 1960, Cuba é um dos primeiros países na América-Latina a permitir que mulheres ingressem no Exército.

Embora tenha ocorrido uma ampla participação de mulheres no movimento revolucionário, poucas se constituíram em heroínas. Célia Sánchez figura entre as mulheres que participaram da Revolução e faz parte de um pequeno grupo de mulheres reconhecidas como heroínas da Revolução.

Após sua morte, em fevereiro de 1980, Célia foi constituída em um modelo de cidadã cubana. A sua primeira biografia, publicada na *Revista Mujeres,* no mês de seu falecimento, é identificada como um marco no processo de construção da heroína e de afirmação de um modelo de feminilidade. O texto constituído por fotos e narrativa escrita, é entendido como fundador da heroína Célia, cujo título já informa sobre sua característica central: "*Célia: sentimiento y raiz de pueblo*." (VAZQUEZ, 1980, p.4)

Entendendo as biografias como monumentos, isto é, como construções que constroem um modelo de comportamento, bem como, são construídas pelo contexto no qual foram produzidas. Portanto, assim como as trajetórias dos agentes dentro dos campos sociais são constituídas por

[6] Durante a ação em Santiago de Cuba estiveram presentes Haydè Santamaria e Melba Hernandes.

tensões e contradições, as biografias são produtos que permitem analisar esse contexto. Para BOURDIEU (1996), a história de vida, como uma narrativa coerente e ordenada de uma trajetória, é uma ilusão, pois uma trajetória de um agente é constituída por movimentos no espaço social, o qual é constituído por tensões e contradições.

As biografias que constituem os heróis e as heroínas, há uma tendência de ocultar as contradições e se constrói uma narrativa marcada pela coerência e geralmente pela ideia de predestinação. A narrativa biográfica revela que o biografado desde a infância apresenta características e comportamentos que indicam sua destinação a constitui-se em herói ou heroína.

No caso da primeira biografia de Célia, o foco está na sua participação no movimento guerrilheiro e sua proximidade ao líder, Fidel Castro. A narrativa a apresenta como uma das primeiras mulheres a ingressar na "revolução liderada por Fidel" (VAZQUEZ, 1980, p.4), bem como um dos agentes fundadores do Movimento 26 de Julho, no Oriente, e como a pessoa que organizou o desembarque do *Granma*.

Essa construção narrativa a coloca como um dos principais agentes do processo revolucionário. É destacada sua atuação ao lado de Frank País, um dos líderes do movimento no Oriente, bem como, sua participação no movimento clandestino, no qual utilizou o nome de Norma. Segundo o texto ela se constituiu em, "*uno de los principalísimos baluartes del movimiento guerrillero, la insuperable auxiliar de Fidel, el símbolo de la abnegación, el valor, la constancia, la laborisosidade, el ejemplo de la lealtad a Fidel, junto a qual ella entro, definitivamente, em la Historia*." (VAZQUEZ, 1980, p. 5)

Observar-se que a construção da heroína ocorre sempre em sua atuação ao lado de um homem. No movimento clandestino, ao lado de Frank País, na Guerrilha, ao lado de Fidel Castro. Provavelmente, Célia não foi a única mulher a atuar no movimento na região oriental de Cuba. Porém, a sua trajetória no Estado Cubano ano logo das décadas de 1960 e 1970, definem sua posição no passado. Conforme informações que constam na biografia analisada ela assumiu as seguintes funções no Estado: membro do Comitê Central do Partido; Secretária do Conselho de Estado; Deputada da Assembleia Nacional do Poder Popular; Conselho Nacional da Federação de Mulheres Cubanas.

A atuação de Célia no campo de poder do Estado Cubano, a coloca como um modelo de cidadania e um modelo para as mulheres cubanas. O fato de ela ser solteira e não ser mãe está oculto na biografia. Porém, outros elementos destacados, entre os quais a sua preocupação com o povo, a colocam com uma figura materna. Ela é apresentada como uma mulher abnegada, que amou

as crianças e o povo cubano. Portanto, a heroína surge como uma pessoa que dedicou sua vida a Revolução e ao Povo, um modelo de feminilidade a ser seguido.

Célia é a primeira heroína que encarna o logo da Federação de Mulheres Cubanas, a mãe guerrilheira. É aquela que cuida do povo e principalmente das crianças, pois na sua biografia há a seguinte afirmação: "*Amó a los niños entrañabelmente*"(VAZQUEZ, 1980). Essa característica a coloca como a mãe do povo. Uma ideia que é apresentada na primeira página da biografia, na qual ela é comparada a Mariana Grajales, a principal heroína da Independência, mãe do General Maceo.

Essa ligação entre a maternidade e a guerrilheira é uma construção que norteia a narrativa fundadora da heroína Célia. As contradições e as tensões que estiveram presentes na vida da mulher Célia, seus medos, dúvidas, angustias, suas alegrias e paixões, que não indicam uma ligação com o Estado e o projeto revolucionário, são apagados da trajetória da heroína. A Célia heroína não possui vida privada, somente vida pública, na qual ela figura como um modelo a ser seguido, uma guerrilheira que demonstra na sua atuação pública que é a mãe do povo.

Ao se tornar heroína Célia é constituída em um símbolo. Ela deixa de ser uma mulher e se torna um ideal que é encarnado em uma pessoa. O poder simbólico na construção da heroína está em torná-la uma encarnação do ideal de nação. Ela se tornar uma encarnação do Estado Cubano.

Um modelo que revela a construção de uma identidade nacional constituída por características, que historicamente são definidoras do feminino e do masculino, as quais são assumidas por homens e mulheres. A heroína cubana possuir características masculinas e femininas. Portanto, é uma contradição em relação ao do modelo de feminilidade tradicional e dentro do próprio Estado Cubano. Um Estado marcado pelo militarismo e o poder simbólico das armas, no qual se destacam os heróis homens, que também afirma a presença de mulheres em um espaço que tradicionalmente e historicamente pertence aos homens – a política e as armas. Uma inserção que existe devido a participação de inúmeras mulheres no processo revolucionário da década de 1950. Portanto, os heróis cubanos não podem ser construídos sem vínculo com as heroínas.

Para L. STONER (2003) as heroínas cubanas são apresentadas como símbolos de sacrifício ao líder homem e a nação. Porém, vale destacar que embora exista uma tendência da heroína em legitimar o poder do líder, ela se constitui em uma contradição dentro de um Estado marcado pela relação entre o militar e o cidadão. A ampla participação das mulheres, nos movimentos que constituem a Revolução Cubana, impede que a identidade nacional cubana, bem como, a história oficial da Revolução sejam construídas orientadas apenas por um ideal de masculinidade. Foi

necessário incorporar um ideal de feminilidade, embora ele tenda a ser subserviente ao líder masculino.

Portanto, a construção da identidade nacional cubana, após a década de 1950 do século XX, é marcada pela contradição e a presença feminina é constituinte dessa contradição. Para compreender essa construção é fundamental analisar as biografias que o Estado constrói para seus heróis e heroínas, pois são importantes ferramentas para perceber essas contradições e as relações entre os femininos e os masculinos na construção de feminilidades e masculinidades hegemônicas em Cuba. Estudar a construção da heroína Célia é o primeiro passo para perceber as contradições que permeiam a construção da identidade nacional cubana.

Na biografia de Célia Sanchez Manduley – publicada no ano de 2004 –, ela é identificada principalmente como a mãe dos guerrilheiros e como a "autóctona flor" da Revolução, sendo a sua atuação política como guerrilheira colocada em segundo plano. Embora a presença de mulheres no processo de luta revolucionária seja significativa, os heróis mais destacados da Revolução Cubana são homens, e reproduzem a construção de masculinidade hegemônica.

Referências

ALVAREZ, P. T. *Célia*: ensayo para uma biografia. *La Habana:* Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2004.

BELL, José; LÓPEZ, Delia L.; CARAM, Tania. *Documentos de la Revolución Cubana 1960*. La Habana: Ciencias Sociales, 2007.

BERNARDES, M.; LOPES, G.; SANTOS, T. *O cotidiano das enfermeiras do Exército na Força Expedicionária Brasileira (FEB) no teatro de operações da Segunda Guerra Mundial na Itália (1942-1945)*. Revista Latino-americana de Enfermagem, 13(3): 314-321, 2005.

BONINO, L. *Masculinidad hegemônica e identidad masculina*. Dossiers feministes - Masculinitats: mites, de/construccions y mascarades, n. 67, 2002, p. 07-36.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, P. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CABALLERO, Armando O. *La mujer en el 95*. La Habana: Gente Nueva, 1982.

CARIE, R. *A mulher militar*: das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

CONNELL, R. W. JAMES, W. *Hegemonic Masculinity: rethinking the concept*. Gender e Society, n. 19, 2005. Disponível em: <http://gas.sagepub.com>. Acesso em: 09 de junho de 2009.

CONNELL, R. W. *La organización social de la masculinidad*. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (eds). Masculidad/*es:* Poder y Crisis. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, n.º 24, 1997, p. 31-48. Disponível em: <http://www.pasa.cl/biblioteca/ La_Organizacion_Social_de_la_Masculinidad_Connel,_Robert.pdf>. Acesso em: 15/01/2009.

GALVÃO, W. N. *A donzela-guerreira*: um estudo de gênero. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

GONZÁLEZ, Julio César Pagés. *Em busca de un espacio*: Historia de mujeres em Cuba. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2005.

GONZÁLEZ, Julio César Pagés. *La Republica Femenina*: Organizaciones Revolucionarias de Mujeres 1952-1958. Universidade de Havana: Havana, 1991.(mimeo)

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUGHES, D. As modas femininas e o seu controlo. In: PERROT, M.; DUBY, G. *História das Mulheres no Ocidente,* vol. 2: A Idade Média. São Paulo: EBradil, Porto: Afrontamento, 1995, p. 185-225.

IRIARTE, A. La virgen guerrera en el imaginario griego. In: TAVERA, Susanna; NASH, Mary (Eds). *Las mujeres y las guerras:* el papel de las mujeres en las guerras de la Edad Antigua e la Contemporânea. Barcelona: Içaria Editorial, 2003.

PERROT, M. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

PRADO, M. L. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: ____ . *América Latina no século XIX*: tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999, p. 28-51.

SCMIDT, Beat (org.) *50 años después*: mujeres en Cuba y cambio social. Ciudad de La Habana: Oxfam internacional, 2010. RAMOS, Lucrecia Estives. El apoyo de la mujer santiaguera a la lucha contra a tirania de Batista de 1952-1958. Trabalho de graduação. Universidade do Oriente, Faculdade de Filosofia e Historia: Santiago de Cuba, 1984.(mimeo)

SCOTT, J. W. *Fantasy Echo: história e a construção da identidade*. Labrys: Estudos Feministas, n. 1-2, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.unb.br/ ih/his/ gefem/ labrys>. Acesso em: 4 fev. 2009.

STONER, K. L. *Militant heroines and the consecration of the patriarchal state: the glorification of loyalty, combat, and national suicide in the making of Cuban National Identity*. Cuban Studies, volume 34, 2003, pp. 71-96. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/jounals/cub/summary/v034/34.1stoner01.html>. Acesso em: 20 de dez. 2010.

SOUZA, B. J. de. *Heroínas bahianas*: Joanna Angélica, Maria Quitéria, Anna Nery. Rio de Janeiro: Paralelo; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. A primeira edição é de 1936.

TAVERA, S.; NASH, M. (Eds). *Las mujeres y las guerras*: el papel de las mujeres en las guerras de la Edad Antigua e la Contemporânea. Barcelona: Icaria Editorial, 2003.

VAZQUEZ, A. *Célia*: sentimiento y raiz de pueblo. Revista Mujeres. La Habana, año 20, n. 2, febrero de 1980, p. 4-7.

Warriors woman": gender and ideal for the biography of cuban femininity celia sanchez

Astract: Turning our eyes to the construction of national symbols, it is observed that although the heroes, symbols tied to masculinity tend to be representations of an ideal warrior, while the feminine symbols are representations of motherhood and holiness. The Warriors are men and women to mothers of warriors. Analyze the ideal of femininity presented in the composition of the revolutionary heroine Celia Sánchez Manduley in Cuba, it is important to reflect on the changes in the construction of national identities. She was born on May 9, 1920 and died on January 11, 1980, and, from the 1950s until his death he held positions of power in the Cuban State. After his death began the process of building the image of the heroine and the biography is more a tool for the construction and legitimation of guerrilla Celia as a national heroine. This communication aims to present the construction of heroin in Revista Mujeres, in 1980.
Keywords: Heroin. National identity. Biography.